

GILL, Mary Louise: *Aristotle on Substance: the paradox of unity*. Princeton: Princeton University Press, 1989. 243 p.

Supunha-se entre os pesquisadores de Aristóteles que o esquema metafísico escolástico há muito já teria sido banido de qualquer estudo sério sobre a obra do filósofo. Ledo engano. Mary Louise Gill, professora associada da Universidade de Pittsburgh, injeta novo sangue no esquema morno que imperava nas últimas décadas, onde estudiosos da obra de Aristóteles e aqueles dedicados a determinar a teoria aristotélica da substância, excluía de sua pesquisa qualquer possível relação do livro Z da Metafísica seja com o livro ? da Metafísica, seja com qualquer obra dos chamados escritos naturais de Aristóteles. Isso por uma razão bem específica: acreditava-se unanimemente que a substância aristotélica deveria ser a forma – conclusão correta considerando-se entretanto o livro Z isoladamente – e, por isso, nenhum crédito era dado a qualquer escrito que tratava a matéria e, por conseguinte, o composto de matéria e forma, como possíveis candidatos à substância primeira.

Contrária ao esquema agora tradicional que desde a publicação dos estudos filológicos de Werner Jaeger imperava nas pesquisas, considerando que a obra de Aristóteles configurava uma evolução intelectual e por isso não poderia ser considerada um sistema acabado, Gill retorna à tese escolástica de que a obra do estagirita formaria sim um esquema metafísico ordenado, corado pela forma pura no mundo lunar e com base na matéria prima no mundo sublunar. Aristóteles no livro Z teria apenas desenvolvido a hipótese de que se a substância pudesse ser a forma, modificando a sua teoria da de Platão pela consideração que nesse caso o ser não poderia ser um gênero, mas que a forma, considerada como aquilo que unicamente é passível de conhecimento em si, deveria ser a espécie. Os comentadores modernos unanimemente descartam da discussão acerca do real significado da substância qualquer consideração sobre o papel da matéria nesse esquema, pois creditam à Aristoteles a mesma desconfiança de Platão com relação à incapacidade definitiva da matéria diante da sua constante alteração. M. L. Gill mostra-nos que Aristóteles não teria descartado o papel da matéria no esquema de determinação da definição prioritária do ser, porque ela tem um papel decisivo na determinação da geração e corrupção do ser. Chama-nos atenção para o fato de que assim como seus predecessores, Aristóteles também estaria preocupado em encon-

trar uma solução satisfatória para o paradoxo de Parmênides acerca da geração dos seres. Este teria negado simplesmente a possibilidade da geração e destruição do ser, pois para ser gerado ele teria que ser gerado do nada, pois uma vez o ser ainda não existindo nada haveria de determinado. Porém, uma vez sendo impossível que do nada algo seja gerado o eleata descarta a geração e corrupção do ser. Aristóteles deseja encontrar uma solução satisfatória para o paradoxo parmenídico. Ele, portanto, almeja encontrar uma solução para a prioridade da substância que corresponda tanto ao princípio platônico da definição do ser por si – só o ser enquanto forma é passível de uma definição essencial, cujas as partes estejam essencialmente incluídas no sujeito –, quanto, por outro lado, uma solução para o paradoxo parmenídico; o ser deve poder possuir não só uma unidade definitória mas também uma unidade geracional, ou seja ele deve ter um elemento continuante quando destruído e quando dele algo é gerado. O paradoxo que dá ao livro o seu título é o paradoxo de como é possível reunir na substância primária a exigência de unidade definitória, chamada por Gill de unidade vertical, com a exigência da unidade do continuante na geração, chamada de unidade horizontal. Ao contrário dos livros normalmente dedicados à questão da substância, a maior preocupação de Gill será resolver o problema da unidade horizontal. Por isso dedica a maior parte do livro à análise das teses do livro Z e do capítulo 6 do livro H da *Metafísica*. No primeiro Aristóteles descreve sua teoria da forma em ato e matéria em potência, e no segundo diz que matéria e forma são idênticas, apenas, a primeira é em potência, enquanto a segunda em ato. Recorrendo à análise minuciosa de trechos da *Física*, da *Meteorologia* e do *Sobre a Geração e Corrupção*, Gill apresenta a teoria aristotélica da mudança em geral, dando especial atenção à diferenciação entre a mudança acidental e a geração e corrupção substancial, para em seguida apresentar a teoria aristotélica da transformação elemental. O que diferencia a sua escala cósmica do esquema metafísico escolástico é a sua compreensão do que seja a matéria prima para Aristóteles. Mostra como parte da literatura recente é unânime em dizer que não há nenhum trecho da obra de Aristóteles reservado à análise da matéria prima, ao contrário da análise da forma pura, à qual são dedicados capítulos na *Metafísica* e na *Física*. Quando Aristóteles refere-se a algo como matéria prima (prote hyle), faz referência então à matéria própria de um composto, por exemplo o bronze da estátua, ou, a matéria em geral, i.e., um dos elementos naturais, a água, como Tales, ou o fogo, como Heráclito. Gill analisará trechos do *Sobre a*

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

Geração e Corrupção e da *Meteorologia* para mostrar que o que Aristóteles entendia como matéria prima, aquilo que deve servir de continuante na geração e corrupção das substâncias, a matéria em sentido estrito, não é a pura potência, como achavam os teólogos escolásticos, mas sim os corpos simples, aos quais não é possível atribuir a presença de uma outra matéria mais simples, os quatro elementos do mundo sublunar e o elemento do mundo lunar: fogo, água, terra, ar e éter.

Desde a sua publicação, o livro de Mary Louise Gill é referência bibliográfica obrigatória em todo escrito publicado sobre a questão da substância. Considero que ao lado do livro de Frede e Patzig, tradução e comentário do livro *Z*, serve de paradigma para a pesquisa recente aristotélica acerca do significado da substância primária.

Susana de Castro Amaral

Doutoranda em Filosofia na Universidade de Munique e bolsista do CNPq